AS DIRETORAS E OS DIRETORES DAS ESCOLAS COMO CRIADORAS/CRIADORES DE CONFLUÊNCIAS

Alessandra Nunes Caldas

Marcelo Machado

Nilda Alves

No grupo de pesquisa em que trabalhamos, percebemos que nossa formação – como cidadãs/cidadãos; como trabalhadoras/trabalhadores; como seres históricos – se dá em múltiplas e complexas redes educativas nas quais de formas diversas nos relacionamos com muitas outras/outros pessoas (Alves, 2019). Nessas relações estão expressas, sempre, dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas relacionadas a movimentos de resistência à agenda das forças hegemônicas, bem como e concomitantemente, em movimentos de criação de agendas próprias (Alves, 2017).

Nêgo Bispo, pensador e líder quilombola que se foi tão cedo, entendia que, política e eticamente, para além de convergências, o que é preciso é que realizemos confluências. Esse termo foi buscado na natureza, na forma como os rios se encontram: eles correm juntos muito tempo, por grandes espaços, respeitando aquilo que cada um é em densidade e temperatura de água, em quantidade e qualidade de resíduos que transportam. Caminham juntos e só vão se misturar muitos quilômetros à frente. O melhor exemplo de confluência que conhecemos/aprendemos nas escolas é, quando perto da cidade de Manaus, o Solimões, vindo dos Andes, do nosso vizinho Peru, encontra o Negro, vindo também dos Andes, mas da nossa vizinha Colômbia, formando muitos e muitos quilômetros adiante, o rio Amazonas.

Para Nêgo Bispo, a circularidade é essencial à vida, seja na natureza, seja na sociedade entre as pessoas. Por isso, para ele, as coisas não são, elas estão. Ele escreveu, buscando explicar a circularidade existente e expressando tanto a transfluência, como a confluência:

 “O nosso movimento é o movimento da transfluência. Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui, transflui. Conflui, transflui, conflui. A ordem pode ser qualquer uma. (…) Os colonialistas, povos sintéticos, são lineares e não transfluem, eles apenas refluem, porque são o povo do transporte. (...) Já no sistema cosmológico, não há refluência. A água não reflui, ela transflui e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade. Ou seja, ela vai na correnteza, encontra outras águas, fortalece-se na correnteza, mas ao mesmo tempo evapora, percorre outro espaço, em forma de nuvem, e chove. A chuva vai para outros lados, mas também volta para as nascentes. As nascentes saem do Cerrado e vão confluindo. Confluindo e transfluindo, elas também evaporam e retornam em forma de chuva. Elas não vêm pelo mesmo percurso, caminho ou curso. Elas vêm na circularidade. Transfluem e confluem, mas não refluem. Só no transporte é possível refluir: você pode ir e voltar” (SANTOS, 2023: 49-51)

Reconhecendo a importância dos movimentos das diretoras e diretores, durante a pandemia e após ela, e buscando entender porque a formação deles se fez, de repente, tão importante para as forças privatistas, hegemônica, hoje, no Conselho Nacional de Educação (CNE), trazemos a ideia da importância da atuação dessas/desses personagens, em confluências ‘*dentrofora*’ das escolas.

Trazemos, então, aqui algumas narrativas dessas confluências - de uma diretora e um diretor, no Rio de Janeiro, no presente - já depois da pandemia, durante a qual as confluências foram tão necessárias e visíveis.

**Práticas culturais em escolas da Infância, gerando confluências**

Comecemos por falar um pouco da atuação desses personagens – as diretoras e os diretores - em confluências nos cotidianos 'dentrofora' de nossas escolas da Infância que com os docentes e os outros profissionais que ali estão (agentes de educação, merendeiras, secretários escolares, porteiros, inspetores) criam experiências diversas com nossas crianças, por diferentes caminhos e se deparando com diferentes redes educativas.

Entendemos que gestores e docentes, tão invisíveis, com frequência, ocupam '*espaçostempos*' a que chegam, tantas vezes, com pouco conhecimento, como se deu durante a pandemia. Mas, em geral, ‘*conhecimentossignificações*’ adquiridos nas tantas relações cotidianas, permitem as tantas ações necessárias.

Entendemos que quando trazemos os nossos responsáveis para dentro de nossas escolas para atividades com nossas crianças ou tiramos nossas/nossos docentes de dentro de nossas escolas para momentos de formação estamos criando diferentes e possíveis confluências.

Em um exemplo: a roda de histórias com as famílias, foi uma ação pensada para promover uma escola acolhedora e um currículo baseado na inclusão, na equidade e na integridade com participação das famílias através da literatura infantil. A mãe de uma aluna do berçário apresentou a história o "Sapo Bocarrão", convidando os nossos bebês a mergulharem nessa história. Após a narrativa, os bebês se transformaram em pequenos "sapos bocarrões" e foram se aventurar na lagoa, feita por um grande tecido azul aberto no solário e molhado pelo chuverão. Já na turminha de Maternal I, um pai convidou as crianças para participarem da roda de leitura com a história "Cadê o sol?". As crianças puderam confeccionar uma luneta como desdobramento da história usando material simples: rolinhos de papel higiênico, canetinhas, papel celofane e lã. Logo depois foram para o solário e observaram o sol através da luneta, que carinhosamente chamaram de "Luna". "Qual é a cor do amor?" foi a história escolhida pela mãe do Maternal II, convidando a turma para vivenciar uma grande experiência na confecção de um cartaz com a narrativa de cada criança sobre "Qual é a cor do amor para você?". Cada criança pintava o seu coração e o colava no cartaz com a mediação da equipe da turma. Carolina, a personagem da história contada nos mostrou que a literatura é afeto, conexão, imaginação, entrega e descoberta. Nas turmas de Pré-Escola I o pai de um dos alunos trouxe para a turma a história a "Cor de Coraline", abordando a temática identidade. Cada criança foi convidada a observar suas características através do espelho. Quantas emoções, sensações, experiências e aprendizagens foram vividas nesse momento. O aluno da turma de Pré-Escola II, veio acompanhado de sua mãe que trouxe uma incrível história para contar: "Severino faz Chover". A narrativa destaca uma grande realidade vivida por crianças que residem no sertão. A mãe ficou emocionada ao relatar essa história, pois recordou sua infância no interior da Paraíba. Cotidiano simples, de coisas pequenas, narradas pelo bom que é ser, estar e aprender. Ler para imaginar, para rir, chorar, se emocionar, suspirar...

Um exemplo de ações com docentes: um intercâmbio entre duas unidades escolares pensado num encontro com as duas equipes diretivas e pedagógicas para elaboração de formação conjunta em busca da integração e ampliação da rede de conhecimento e da valorização da diversidade étnico-racial e cultural. Como conversar com nossos alunos se nós mesmos não conhecemos nossa história? Fizemos um tour guiado pela Pequena África com parceria do Instituto Pretos Novos – IPN. O ponto de encontro foi o Largo de São Francisco da Prainha, situado no pé do Morro da Conceição. Neste mesmo local, podemos conhecer a "Casa da Escrevivência", um espaço cultural inaugurado no dia 20 de junho de 2023 resultado de projeto da escritora Conceição Evaristo. Acompanhando o guia, fomos passeando pelas ruas e observando as obras arquitetônicas do Rio antigo. Quanta história esses lugares têm para contar. Nessa caminhada chegamos a "Pedra do Sal", lugar de muita resistência e tombado como Patrimônio Histórico e Religioso. Segundo o nosso guia o local ficava bem próximo ao mar e servia de embarque e desembarque de sal. Hoje a "Pedra do Sal" é um marco por suas rodas de samba e atraí turistas de outros bairros e países. Chegamos em mais um ponto importante e que faz parte da parte gastronômica - "A Casa de Omolokum", uma casa de cultura e valorização da culinária e de matriz africana. Chegamos ao Cais de Valongo, sítio arqueológico redescoberto em 2012 pelas obras realizadas para as Olimpíadas de 2016, antes chamado como "Cais da Imperatriz". Neste local tivemos a grata surpresa de encontrar a Gracy Mary Moreira, bisneta de nossa querida e saudosa "Tia Ciata". Finalizamos o nosso tour no Instituto Pretos Novos, lugar que tem como missão pesquisar, estudar, investigar e preservar o Patrimônio Material e Imaterial Africano e Afro-Brasileiro. O uso por esses percursos metodológicos com os cotidianos e com o que circula, com o que é compartilhado, abre possibilidades de percebemos a multiplicidade das 'práticasteorias' circulantes e os movimentos de criações individuais e coletivos.

Conversaremos no Redes acerca destas confluências com responsáveis e com docentes.

**Práticas culturais com os jovens, criando confluências**

As escolas, a despeito da aparente repetição de imagens clichês em suas ambientações das salas aos murais com suas ornamentações características, produzem, dialogam e são afetadas por imagens. Imagens de toda sorte, favoráveis ou não aos processos de ensino e aprendizagem. Imagens do pensamento, dos desejos e afirmações diversas que emergem nos corpos, nas, falas e gestos, vencendo os limites das normas e das uniformizações. (VICTORIO FILHO, SOUZA, 2020, p.92)

No *‘espaçotempo’* escolar percebemos que as forças hegemônicas atuam em múltiplas camadas, especialmente por algumas redes educativas que perpassam a escola, no entanto, é possível ainda que modo incipiente e com resistência e criação, proporcionar aos estudantes vivências outras que busquem transpor aos corpos e aos pensamentos outros modos de agir e pensar. Assim, diretoras e diretores, são fundamentais na garantia dessa liberdade e da possibilidade do devir, para que novas confluências sejam ‘experimentadas’.

A dimensão poética e os agenciamentos estéticos se destacam nos campos onde as ações criadoras alcançam mais evidente relevo, como o cuidado de si simultâneo à invenção do mundo, situações que, tanto no plano individual quanto no coletivo, são osso e carne da vida escolar (VICTORIO FILHO e SILVA, 2019, p. 147)

Atividades lúdicas ou quaisquer outras que movimentam os corpos e as mentes a outras direções e pensamentos, principalmente, que transcendam os limites dos currículos vigiados das secretarias municipais/estaduais da educação podem possibilitar aos estudantes *‘verouvirsentirpensar’* as temáticas a partir de múltiplas/outras vivências. Trazendo para o ‘*espaçotempo’* escolar formas plurais de vivências, especialmente quando se trata de grupos marginalizados ou minoritários da sociedade. É necessário criar confluências, colocando os diversos ‘*praticantespensantes*’ das escolas para conversarem, entre si, com os tantos acontecimentos de ‘*dentrofora*’ das escolas, com diversos artefatos culturais.

Em um mundo onde muitas *fake news* e a extrema direita tecem narrativas que atingem muitas realidades como verdades absolutas, abrir possibilidades de conversas e confluências com os tantos outros, são táticas (Certeau, 2014) de vida necessárias. Diretoras e diretores têm como principal papel criar essas múltiplas confluências com a arte - a música, a pintura, a fotografia, os filmes – mostrando a importância da estética e da poética, em agenciamentos junto aos estudantes, criando formas múltiplas de existência.

Na escola que dirijo, juntos às/aos docentes, vivenciamos um dia 8 de março, dedicado às mulheres, numa ação coletiva de criação e luta pelos direitos femininos e contra a exacerbação da violência existente de gênero. De modo político, escolhemos tratar das lutas, das necessidades, dos ganhos nas últimas décadas e no quanto ainda é preciso ganhar para ter uma equidade no mundo.

A beleza dos encontros diversos com a arte mostrou as múltiplas possibilidades destas lutas.